SHAIZA SADRUDIN JETHÁ

A COMUNICAÇÃO NA TELEVISÃO PARA CRIANÇAS SURDAS ATRAVÉS DA LEGENDAGEM

Orientador: Professor Doutor Francisco Ramos Leitão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2013

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho a pessoas especiais que foram importantes na minha vida.

Aos meus pais, que ajudaram da forma que lhes foi possível, forte e confiante, o meu carinho e agradecimento por tudo.

Ao meu irmão que me mostra o dever do esforço e da união.

Agradeço-lhes todo esse empenho e esforço por mim. O terminar da minha tese deste mestrado será a melhor recompensa de gratidão.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por todo o apoio e compreensão em todos os momentos, pela força e incentivo para realizar este mestrado. Por terem estado sempre ao meu lado, dando apoio moral, compreendendo as minhas ausências.

Ao meu Orientador, Professor Dr. Francisco Leitão pela importante orientação dada durante este mestrado, e por acreditar, desde o início nas minhas capacidades para o poder realizar.

À minha professora de Educação Especial, Prof. Isabel Carrasco, que marcou o início do meu longo percurso escolar, por todo o esforço e dedicação determinantes para o meu desenvolvimento, linguístico e pessoal que me permite estar, hoje, aqui.

À Dr.ª Assunção O´Neill da consulta de surdez do Hospital de Egas Moniz por toda a sua amizade e auxílio, aos meus colegas de trabalho pela partilha e apoio prestados durante toda a investigação e realização desta tese de mestrado.

A todos os amigos com quem tive o prazer de trocar ideias e experiências sobre este tema, permitindo em muito enriquecê-lo, o meu sincero agradecimento.

Muito obrigada a todos que contribuíram para que o trabalho realizado chegasse ao fim.

RESUMO

O presente trabalho teve como finalidade encontrar uma solução para melhorar o método de comunicação entre surdos e ouvintes na área da Comunicação Alternativa.

As pessoas surdas, normalmente, têm muitas dificuldades no sucesso escolar e em todo o seu percurso social e cultural, por não conseguirem ser bem sucedidas na aprendizagem da leitura e escrita.

A autora devido ao trabalho diária, de há quase 7 anos, como Assistente Técnica e Interlocutora de Língua Gestual na consulta de Surdez do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, Hospital Egas Moniz, portadora de surdez, tendo ao mesmo tempo sentido algumas dessas dificuldades e continuando a deparar-se com esta problemática foi procurar respostas.

Daí, o objectivo desta investigação sobre a importância do uso da legendagem em desenhos animados para melhorar a compreensão da linguagem escrita por parte das crianças surdas como contributo para a melhoria da leitura e escrita permitindo um maior sucesso escolar, logo cultural e social. O estudo desenvolveu-se a partir da metodologia de inquéritos com questionários para Pais, Público e Canais de Televisão (SIC, RTP e TVI), tratamento (recolha da amostra, caracterização da amostra e análise) dos dados e pesquisa teórica de suporte.

Os resultados apresentam que a maior percentagem de respostas dos pais e público vieram da população surda, do sexo feminino e em ambos os inquéritos temos 100% de respostas positivas sobre a importância da legendagem em desenhos animados para as crianças surdas. Confirma-se que de acordo com alguma teoria usada e a opinião dos inquiridos, a legendagem pode ser uma óptima ferramenta educativa na ajuda da competência da leitura e escrita das crianças surdas. Hoje, a educação das crianças surdas é feita em ambiente bilingue, uso da LGP como primeira língua e o português escrito como segunda, mostra como é fundamental para os surdos o domínio da escrita e leitura para atingir a inteligibilidade das situações que os rodeiam justificando a pertinência do uso da legendagem em desenhos animados.

Seria de elevada importância que a proposta resultante deste estudo pudesse ser implementada, de modo a desenvolver e a criar estratégias para ajudar a ultrapassar a barreira da comunicação das pessoas surdas.

PALAVRA-CHAVE:
Surdez, LGP, educação especial, legendagem, televisão

ABSTRACT

The aim of the present thesis was to find a solution to improve methods of communication between deaf and good hearing people as to what Concerns Alternative Communication.

Usually, deaf people have a great difficulty in having success in school and in all their social and cultural tasks, they can't find the required achievement as to what regards their reading and writing tasks.

The author, who has worked for the last seven years in the Consultation for Deafness and Hearing Impairment of Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, Hospital Egas Moniz, as technical assistant and professional Sign Language Portuguese, being herself a profound deaf, tried to find some answers in surpassing these difficulties.

So, the purpose of this research project was to achieve greater goafs among deaf people as to what concerns scholarship, cultural and social achievements. In order to do that the author made three sorts of enquiries.

One was for Parents, other for the Public and the other for the Television Channels, regarding the importance of using legends in cartoons and movies, so that the deaf child might have a better opportunity to understand the all picture, to improve reading and written abilities, with a greater success in school and cultural and social life.

It would be of the uttermost importance that the results of this work should be considered in a way to implement strategies that would help to surpass the barrier of communication, sometimes so painful for deaf people.

LISTA DE ABREVIATURAS

APS – Associação Portuguesa de Surdos

CHLO – Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental

HEM – Hospital de Egas Moniz

LGP – Língua Gestual Portuguesa

RTP 1 – Rádio e Televisão de Portugal (canal 1 público)

RTP 2 – Rádio e Televisão de Portugal (canal 2 público)

SIC – Sociedade Independente de Comunicação (canal privado)

TVI – Televisão Independente (canal privado)

TV – Televisão

INDICE GERAL

INTRODUÇÃO 11

CAPITULO I 12
1. - Surdez 12
1.1 - Descrição da Surdez 12
1.2 - Classificação dos tipos de Surdez 14
1.3 - Surdez pré e pós linguística 14
1.4 – Prótese auditiva e implante coclear 15
1.5 - A comunicação entre surdos e surdos/ouvintes 15
1.6 – A importância da leitura e escrita 18

CAPITULO II 20
2. – Legendagem e acessibilidade 20
2.1 - As pessoas surdas e a legendagem 20
2.2 – A televisão e a acessibilidade 24

CAPITULO III 26
3 – Metodologia da investigação 26

CAPITULO IV 29
4. – Caracterização da amostra 29
4.1 – Recolha e tratamento de dados 30
4.2 – Respostas dos Pais 31
4.2.1 – Pais – Idade e Sexo 31
4.2.2 – Educando – Idade e Sexo 32
4.2.3 – Educando – Escolaridade 33
4.2.4 – Educando – Surdez 33
4.2.5 – Educando – Próteses auditivas 34
4.2.6 – Educando – Início da leitura e escrita - Idade 35
4.2.7 – Educando – Desenhos animados 35
4.2.8 – Educando – Desliga a TV 36
4.2.9 – Pais – Importância da legendagem 37
4.3 – Respostas do Público 38

4.3.1 – Público – Idade e Sexo 38
4.3.2 – Público – Habilitação Académica 39
4.3.3 – Público – Surdez 39
4.3.4 – Público – Próteses Auditivas 40
4.3.5 – Público – Início da leitura e escrita 41
4.3.6 – Público – Desenhos animados 41
4.3.7 – Público – Programas de TV com legendagem 42
4.3.8 – Público – Importância da legendagem 42
4.4 – Respostas da televisão 43
4.5 – Análise dos resultados 44

CONCLUSÃO 45

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 48

ANEXO 50
Anexo 1 50
Anexo 2 51
Anexo 3 52

INDICE DE QUADROS

Quadro 1 _____ 14

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 _____ 22

Figura 2 _____ 22

Figura 3 _____ 23

Figura 4 _____ 23

INDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 _____ 31

Gráfico 2 _____ 31

Gráfico 3 _____ 32

Gráfico 4 _____ 32

Gráfico 5 _____ 33

Gráfico 6 _____ 33

Gráfico 7 _____ 34

Gráfico 8 _____ 34

Gráfico 9 _____ 35

Gráfico 10 _____ 36

Gráfico 11 _____ 36

Gráfico 12 _____ 37

Gráfico 13 _____ 38

Gráfico 14 _____ 38

Gráfico 15 _____ 39

Gráfico 16 _____ 39

Gráfico 17 _____ 40

Gráfico 18 _____ 40

Gráfico 19 _____ 41

Gráfico 20 _____ 41

Gráfico 21 _____ 42

Gráfico 22 _____ 43

INTRODUÇÃO

Ao ingressar no mestrado de Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio foi um desafio importante para uma reflexão pessoal como pessoa com surdez e perceber melhor as dificuldades comunicativas dos surdos em geral, com especial atenção para as crianças surdas.

O tema "A comunicação na televisão para crianças surdas através da legendagem" surge devido a sentir que existe uma tendência natural e crescente dos surdos no acesso aos *media*, em particular à televisão. Este trabalho de investigação pretende revelar como a informação transmitida através da legendagem, principalmente, nas legendas dos desenhos animados pode motivar e ajudar na aprendizagem da leitura e escrita das crianças surdas. Podendo no futuro utilizarem a legendagem através do teletexto e beneficiarem muito mais da informação transmitida, tal como hoje fazem os surdos adultos.

No capítulo I fazemos uma descrição da surdez assinalando tipos de surdez, meios técnicos de reabilitação auditiva, educação em ambiente bilingue (LGP e português escrito), leitura e escrita, para se perceber melhor o impedimento que estes causam no acesso à comunicação/informação. A legendagem e a acessibilidade à televisão pelos surdos como tem sido tratada ao longo do tempo, é abordada no capítulo II.

Os capítulos III e IV desenvolvem a metodologia da investigação – a recolha e tratamento de dados, a caracterização da amostra e a análise dos resultados. Através destes resultados podemos verificar se a questão por nós levantada obteve consenso e se confirma. A conclusão no capítulo V permite-nos perceber se a sociedade conhece a especificidade da população surda e como é importante criar estratégias para resolver o desafio da comunicação para surdos nos *media.*

CAPITULO I

1. - Surdez

1.1 - Descrição da Surdez

> A pessoa surda possui uma identidade surda própria, constituída por princípios culturais, linguísticos e político-sociais. Ser surdo(a) é compreender o mundo por meio da experiência visual. (Ana Navalho, testemunha da colega do serviço)

A maioria das pessoas vê o surdo como "o mudo" ou "o surdo-mudo", ou "não ouve" entre outras. Em geral as pessoas, por desconhecimento, acabam de forma discreta a discriminar as pessoas com surdez, tal como, com qualquer outra deficiência.

A principal diferença entre surdo e ouvinte é terem um sentido a menos, a audição, e, comunicarem com uma linguagem própria. Uma pessoa com surdez apenas não ouve, é uma pessoa visual, portanto o acesso ao mundo que a rodeia é construído sem barreiras visuais. Encontra-se, por isso, privada de audição, pelo que tem problemas relacionadas com a aprendizagem e a percepção do mundo sonoro que a rodeia, em especial da fala – linguagem oral. O seu mundo fica limitado a tudo o que está ao alcance das suas mãos e dos seus olhos, isto tem um papel determinante para o processo de desenvolvimento da comunicação.

A visão faculta à criança a compreensão do concreto permitindo ter acesso ao mundo que a rodeia e explorar o ambiente circundante. A falta de audição cria-lhe limitações na comunicação no meio familiar e social, numa sociedade, maioritariamente, falante.

Segundo Correia (2008) "a surdez traduz-se numa lesão do aparelho auditivo, o que impossibilita a criança de ouvir". O mesmo autor refere ainda que existem dois tipos de surdez, a temporária, aquela que poderá ser ultrapassada com tratamentos médicos e outros, e a definitiva, a perda de audição que afectará a criança ao longo da sua vida.

A surdez por norma é caracterizada segundo três níveis.

Um primeiro nível a que se chama de transmissão onde a criança poderá sofrer de um problema, temporário, do ouvido externo.

Um segundo nível que remete para os problemas neurosensoriais, pelo facto do problema se centrar no ouvido interno, ou no nervo interno.

Um terceiro nível, de carácter misto, que se caracteriza pela junção dos dois níveis do problema, anteriormente, referidos (Correia, 2008).

A criança antes de qualquer diagnóstico da surdez já começou a ter acesso a uma linguagem, especialmente visual, muito prática e acessível, o processo de aprendizagem desta criança é feito de uma forma natural, como a criança ouvinte adquire a sua língua natural, através da audição. Quando lhe é feito o diagnóstico da surdez pensando no aspecto singular da comunicação urge encontrar como ter acesso à comunicação em Língua Gestual Portuguesa (LGP). A LGP utiliza as mãos, os braços, as expressões faciais e corporais para transmitir toda a riqueza do entendimento e comunicar o que ela não consegue exprimir pela fala.

Qualquer criança surda tem o direito à sua língua, à livre expressão dos seus pensamentos, a compreender o que se passa no mundo, a brincar, a aprender, e assim por diante (e.g. Almeida, 2007) como qualquer criança ouvinte, consagrados na Declaração dos Direitos da Criança e no Direito Português.

Na generalidade existe um conceito aceite que as pessoas com surdez têm problemas de comunicação e é referido como causador destes as dificuldades de aprendizagem a nível da leitura e da escrita.

As dificuldades existentes ao nível da leitura não resultam só do percurso educativo, como também da altura da vida em que é adquirida a surdez.

É importante, assim, que estas crianças sejam ajudadas, a compensar, as suas dificuldades auditivas, através de meios auxiliares de ajuda técnica.

1.2 - Classificação dos tipos de Surdez

Audição Normal	Entre 0 – 20 decibéis
Surdez Ligeira	Perda entre 20 – 40 decibéis, não percebe a voz sussurrada e pode perder as consoantes
Surdez Média ou Moderada	Perda entre 40 – 70 decibéis, recorre à leitura labial para perceber uma conversa normal
Surdez Severa	Perda entre 70 – 90 decibéis, só percebe se gritar junto ao ouvido
Surdez Profunda	Perda entre 90 – 119 decibéis, não percebe a fala, só ouve ruídos intensos
Cofose	Perda de 120 decibéis, não ouve nada

Quadro 1 – Fonte: www.surduniverso.pt

1.3 - Surdez pré e pós linguística

Segundo Monreal et al (1995) admitem que a fase pré linguística vai desde o nascimento da criança até aos três anos de idade. Referem-se a crianças que nascem surdas ou adquirem a surdez nos primeiros meses de vida (em tenra idade), antes da aquisição de uma língua. Têm perturbação da linguagem, com aquela que ocorre antes do desenvolvimento da fala.

A criança com surdez pré linguística não adquire uma imagem integrada do mundo em que vive, pois não apreende a comunicação oral, no imediato, com as pessoas com que convive, o que estas dizem ou falam. Provavelmente, não saberá o que tem ao seu redor no mundo dos ouvintes, o que se passa e nem sequer abrange o contexto social que faz parte do mundo, se não houver uma intervenção e se proporcionar a informação/interacção necessária de forma a que sua construção de pessoa se desenvolva de modo equilibrado, criando um sentido para ela. É importante que a criança se sinta integrada no meio onde vive, permitindo ser no futuro um cidadão participativo na sociedade.

Surdez pós linguística ocorre depois dos 3 anos ou 4 anos. Ainda, pode ocorrer o aparecimento da surdez sem outros antecedentes ou outros défices, a que surge depois do desenvolvimento da fala. Têm que manter a linguagem já adquirida e enriquecê-la a partir das experiências acumuladas, podendo usar técnicas de reabilitação da fala.

1.4 – Prótese auditiva e implante coclear

As crianças podem iniciar o uso de prótese auditiva ou implante coclear a partir do diagnóstico efectuado. Quanto mais cedo a criança começar a utilizar a prótese mais fácil será a sua adaptação e também maior é a estimulação do córtex auditivo. As próteses auditivas são aparelhos que amplificam o som, adaptadas às características pessoais (o grau e tipo de surdez) e os níveis de conforto do utilizador. O objectivo é de minimizar a perda auditiva e contribuir para superar as dificuldades comunicativas.

Acontece que às vezes, o uso de próteses não permite o sucesso desejado e recorre-se aos implantes cocleares indicados para reabilitação auditiva dos portadores de surdez de percepção, bilateral, de grau severo a profundo, que usaram inicialmente próteses auditivas.

1.5 - A comunicação entre surdos e surdos/ouvintes

> A paixão pela língua gestual foi crescendo ao longo dos anos, mas o receio de abordar desconhecidos e fazer perguntas que pudessem ser mal interpretadas levou-me a esperar. De sorriso aberto e resposta fácil, a Shaiza rapidamente se prontificou a respondê-las. Com carinho abraçou todas as minhas dúvidas e rapidamente surgiu uma amizade. Ao longo do tempo que a fui conhecendo descobri uma pessoa extremamente inteligente, meiga e divertida. Inconscientemente, fez-me aperceber que damos valor a pormenores insignificantes na nossa vida pessoal e fez-me dar importância às relações pessoais. Com ela descobri a essência e a pureza da amizade. É uma honra poder fazer parte da sua vida. (Mara Brito, testemunha da Amizade)

A aprendizagem das línguas é uma capacidade inata dos seres humanos. Neste aspecto, as pessoas com surdez não diferem dos ouvintes e têm as mesmas capacidades

para a aprendizagem das línguas, e claro, necessitam delas em igual medida. A principal diferença existe no facto de os surdos não realizarem a língua oral através da audição. No entanto, para colmatar a sua perda auditiva, as pessoas com surdez recorrem à visão e a língua torna-se visual ao ser transmitida através de sinais, gestos e escrita.

Segundo Bove (Actas da IV Conferência Europea DbI ed. ONCE, 1997)

> A visão e audição têm um papel determinante para o processo do desenvolvimento da comunicação. É a visão que proporciona à criança a compreensão de concreto, que lhe permite ter acesso ao mundo à sua volta e que lhe desperta progressivamente a curiosidade que a faz movimentar-se e começar a explorar o ambiente. A audição relaciona a partilha do contacto do campo visual, permitindo também o desenvolvimento da codificação da capacidade de falar das coisas mesmo na ausência delas. Esta capacidade associada à experiência possibilita o desenvolvimento do pensamento simbólico, desenvolve a sequencialização e a noção do tempo

e permite à criança uma integração associativa mais próxima do mundo real.

A comunicação utilizada entre surdos terá de ser o mais visual possível daí a sua língua privilegiada ser a Língua Gestual Portuguesa (LGP) usada na sua comunidade.

A comunidade surda portuguesa, durante anos, teve um percurso de luta pelo reconhecimento da LGP como a sua primeira língua. Todos os que trabalhavam ou se relacionavam com pessoas surdas sabiam que eles fora do meio dos ouvintes comunicavam entre si por língua gestual, mas devido às políticas educativas aplicadas na altura, o acesso a esta continuava com alguma reserva, até que, por volta dos anos 90 a língua gestual ganha maior apoio com o aparecimento do primeiro gestuário (dicionário da língua gestual) e, finalmente, em 1997, dá-se à LGP o reconhecimento que ela merece, com a publicação da Lei Constitucional n.º 1/97, artigo 74º, alínea h):

"Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades."

Quando se verifica uma surdez pré linguística os pais têm de decidir com que língua pretende comunicar com os seus filhos e esta decisão irá influenciar, em grande medida, as capacidades de comunicação, enquanto jovens e na idade adulta.

Passamos a apresentar três opções existentes como respostas educativas para estas crianças:

- Abordagem bilingue e bicultural é frequente entre aqueles que pretendem fazer parte da comunidade surda. As crianças são educadas para utilizarem a Língua Gestual do seu Pais, mas aprendem também a Língua Nacional, enquanto segunda língua, através da escrita e da leitura. Estas crianças aprendem, assim, duas línguas e duas culturas.

- Abordagem verbal/oral ajuda a ouvir e a falar recorrendo à existência de alguma audição residual. As crianças são ensinadas a estimular os resíduos auditivos, utilizar a visão para fazer leitura labial e produzir o melhor possível a língua verbal. Dar ao surdo acesso, o mais possível, à língua falada.

- Comunicação total consiste na abordagem educativa que cede à pessoa com surdez a possibilidade de escolher entre todas as formas de comunicação ao seu dispor, conforme considere mais adequada para interagir com pessoas surdas ou ouvintes.

A forma de comunicação mais usada entre surdos e ouvintes é a linguagem oral/fala, reforçada pela escrita para melhor compreensão da mensagem, considerado a leitura/escrito o meio privilegiado desta comunicação. Geralmente, a escolha deste meio é quase uma imposição pois o surdo é uma minoria em relação aos ouvintes. E os próprios pais, por serem na maioria ouvintes, levam a essa decisão, reflectindo-se também ao escolherem o tipo de educação que pretendem dar aos filhos. No entanto, hoje já existem muitos ouvintes interessados em aprender LGP e a praticar, talvez um dia esta comunicação seja aperfeiçoada.

Na educação dos surdos, ao longo dos anos, existiram várias modalidades de atendimento nas escolas reguladas, tal como outras matérias, por decretos e despachos ministeriais. Na escola de hoje as respostas educativas para os surdos baseiam-se no Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de Janeiro que veio promover a igualdade de direitos e de oportunidades ao nível do ensino, tornando as escolas cada vez mais inclusivas.

Assim, passo a transcrever do Decreto-Lei nº 3/2008, Capítulo V, Artigo nº 23 - Ponto 1 "A educação das crianças e jovens surdos deve ser feita em ambientes bilingues que possibilitem o domínio da LGP, o domínio do português escrito e, eventualmente, falado, competindo à escola contribuir para o crescimento linguístico dos alunos surdos, para a adequação do processo de acesso ao currículo e para a inclusão escolar e social."

De acordo com o Ministério da Educação e com vista a criar mais condições de acesso à educação de crianças surdas foram criadas, por despacho ministerial, escolas de referência para a educação bilingue de crianças surdas. Apesar deste esforço e após consulta da página oficial do ministério fica a ideia de que ainda não há um número suficiente de escolas bilingues.

Actualmente, a forma mais adequada de educar uma criança com surdez e aquela que permitirá obter mais competências linguísticas e comunicativas é o bilinguismo, o meio fundamental da aprendizagem da língua falada (gestual) e escrita para surdos, é por inerência o meio para a aprendizagem da leitura e escrita.

1.6 – A importância da leitura e escrita

> Conheci a Shaiza no Hospital Egas Moniz, durante alguns meses, observei- a no seu meio laboral, por vezes até surgia a curiosidade de falar com ela, mas aquilo que nos separava era o facto de eu falar e ouvir e ela não, o que teimava ser um obstáculo, porque eu no meu mundinho, era uma perfeita ignorante e nada sabia do mundo Surdo. Mais tarde e por força da circunstância fui ter com a Shaiza para resolver um problema de trabalho, ora quebrou-se o obstáculo que não era assim tão grande como julgava, ela falava muito bem e lia os lábios na perfeição, fiquei muito contente porque a distância que havia entre nós estava a um passo de se encurtar. Desde aí começamos a cultivar uma grande amizade e eu comecei a aprender mais sobre o mundo surdo, mundo esse feito de pessoas inteligentes, cultas, meigas e compreensivas e que com muita pena minha são tantas vezes colocadas de parte. (Cristina Durão, testemunha da Amizade)

Segundo Niza (1991:11)

> aceitar uma educação bilingue para os surdos pressupõe o desenvolvimento pleno da linguagem gestual no processo educativo e o domínio da língua portuguesa escrita, onde o treino da fala se realiza a partir da leitura (percepção visual). Se queremos que as crianças surdas realizem uma escolaridade com sucesso é preciso proporcionar-lhes precocemente o domínio da Língua Portuguesa escrita, como segunda língua, tornando os surdos bilingues. Para atingir esse objectivo é fundamental deslocar o mais cedo possível o enfoque pedagógico da leitura para o da produção escrita. Só assim, pelo desenvolvimento constante da escrita funcional as crianças ganham maior capacidade para conhecer a estrutura da língua e para a consequente compreensão da leitura.

Nas crianças surdas sabe-se que o desenvolvimento da linguagem verbal está comprometido pela falta de audição o que vai interferir, directamente, na aprendizagem da leitura e escrita. A criança surda terá melhor acesso à leitura se tiver um bom desenvolvimento da língua gestual, tanto a nível da expressão, como da compreensão, bem como clara relação entre a língua gestual e a escrita.

A aprendizagem da escrita nas crianças é iniciada, precocemente, de forma ideográfica e associada o mais possível a contextos reais, para uma melhor compreensão dos conceitos é acompanhada ou reforçada pela LGP. A aposta no desenvolvimento da escrita precoce, na educação dos surdos, é o caminho para a aprendizagem da leitura, pelo que qualquer situação, por mais informal que seja, desde que se destine a crianças surdas deve envolver a escrita e leitura. A legendagem de desenhos animados em televisão tem como objectivo motivar e reforçar a importância da leitura e escrita para este público.

Pensando no que é transversal a este trabalho, as legendagens em televisão, passo a referir o seguinte.

Abrantes (2010:36) "defende que as legendas podem ser uma boa ferramenta para a aprendizagem de uma língua, através de um método de aprendizagem incidental."

Contínua "defende que as legendas podem ser uma óptima ferramenta educativa, nomeadamente, para as pessoas e as crianças com surdez. Estas podem ajudar a aumentar as competências de leitura, bem como uma forma de enriquecer o seu vocabulário (activo e passivo). No entanto, esta continua a ser uma área que ainda carece de muita investigação".

Neste capítulo pretende-se um breve levantamento dos impedimentos referente à surdez, de forma, a um melhor entendimento sobre a comunicação e o acesso aos *media*, em particular, à legendagem em televisão.

CAPITULO II

2. – Legendagem e acessibilidade

2.1 - As pessoas surdas e a legendagem

> Quando conheci a Shaiza não me apercebi da sua "limitação" no campo da audição. Sendo eu uma pessoa ouvinte posso dizer que no início existiam algumas restrições / dificuldades na nossa comunicação, percebi que a maior adaptação teria de ser da minha parte. Apesar de não ter sido apenas eu a fazer esse ajuste bastaram apenas algumas semanas, essas limitações eram praticamente inexistentes, eu falava pausadamente e ela lia os meus lábios. É uma pessoa perfeitamente capaz, que não vê barreiras mas sim desafios, alguém que teve paciência de me ensinar alguns gestos básicos, claramente uma amizade especial, que me fez ver o mundo de outra forma. (Ângelo Lança, testemunha da Amizade)

Tendo em conta que a educação das crianças e jovens surdos deve ser feita em ambientes bilingues que possibilitem o domínio da LGP como primeira língua da criança surda e o domínio do português escrito como segunda língua podemos referir que a legendagem em desenhos animados permite o acesso destas pessoas à linguagem oral através da escrita, em legendas na mesma língua, de acordo com a especificidade deste público-alvo.

A legendagem para pessoas com surdez era, inicialmente, vista como um processo técnico e de adaptação, mais do que, como uma nova vertente da tradução, dando maior atenção aos aspectos técnicos do que linguísticos. Com tudo o que isso implica, em termos da tradução e da adaptação, as legendas ao tornar o audiovisual acessível desempenham um papel importante na melhoria do léxico vocabular e no desenvolvimento linguístico.

A primeira tentativa de legendagem para surdos em Portugal é disponibilizada pela televisão na RTP, no âmbito de um acordo com a Associação Portuguesa de Surdos a partir de 15 de Abril de 1999. Alguns dos conteúdos da RTP 1 e RTP 2 passam a ser legendados. Esse acordo previa que, inicialmente, fossem disponibilizadas, no primeiro ano mas mantiveram-se ao longo de anos. Os dados disponíveis indicavam que a legendagem não tinha a qualidade pretendida por não se adaptar às necessidades deste

público-alvo (figura 1). Importa salientar que esta iniciativa da RTP foi ainda anterior à existência de legislação sobre o efeito.

De facto, apenas em 2002 é introduzida uma nova alínea f – no art. 44 da Lei da Televisão Portuguesa – Lei n.º 8/2002 (Primeira alteração à Lei n.º 31-A/98, de 14 de Julho), que refere o seguinte:

"Assegurar igualdade de acesso à informação e à programação em geral a todos os cidadãos, garantindo por isso que as emissões possam também ser acompanhadas por pessoas surdas ou com deficiência auditiva, recorrendo para o efeito à legendagem ou à interpretação através da Língua Gestual Portuguesa"

A RTP dispõe de um projecto de legendagem automática em teletexto dos noticiários da RTP 1, através da página 885 (figura 2) e RTP 2, bem como um serviço de legendagem em teletexto de alguns eventos desportivos e pontualmente, um ou outro programa.

A SIC e a TVI, também, chegaram a acordo para garantirem alguns programas com interpretação em LGP, bem como a legendagem em teletexto, através da página 888 (figura 3).

Ao ter em conta estas referências, os surdos têm acesso à programação regular dos canais da televisão pública e privada de duas formas:

- A apresentação dos programas com a interpretação em LGP que serve os surdos que utilizam a LGP como primeira língua e forma de comunicação (figura 4).

- Por seu lado, a legendagem pode servir tanto os surdos que usam LGP como as pessoas surdas que não tendo conhecimento da língua gestual, por terem adquirido a surdez mais tarde, utilizam o texto escrito com frequência.

As crianças surdas que assistem a programas infantis, principalmente, a desenhos animados são o público que mais pode beneficiar com a legendagem, por tudo o já referido, relativo à aprendizagem da leitura e escrita. De uma forma lúdica é motivada para usar a informação, descodifica-la com o reforço das imagens associadas, aumentar o seu vocabulário, contribuindo para o seu desenvolvimento linguístico.



Figura 1 – *Um programa de desenho animado na RTP sem legendagem*



Figura 2 – *Um programa de noticiário na RTP com legendagem em teletexto através da página 885*



Figura 3 – *Um programa de desenho animado na SIC com legendagem em teletexto através da página 888*



Figura 4 – *Um programa na SIC com intérprete de LGP*

2.2 – A televisão e a acessibilidade

> Eu, sendo Surda bilateralmente profunda, fluente em LGP, uso um aparelho auditivo, falo bem com o apoio da leitura labial, até hoje – no século XXI – ainda sinto que há barreiras na comunicação no dia-a-dia. A comunidade ouvinte deve fechar os olhos na área de medicina, ter uma mente aberta e abrir aos olhos para garantir o acesso à língua natural dos Surdos que é a LGP. (Leonor Gaspar, testemunha da Amizade)

Até ao ano de 1999, a acessibilidade às tecnologias estava limitada ao financiamento de produtos relacionados com a informática para portadores de deficiência e ao uso de Língua Gestual em programas pontuais da RTP.

É dado um impulso significativo, em 1999 quando em Julho são aprovadas duas resoluções de Conselho de Ministros: "a RCM 96/99" – Iniciativa Nacional para Cidadãos com Necessidades Especiais na Sociedade da Informação e a RCM 97/99 sobre a acessibilidade dos sítios da Administração Pública na Internet".

Nesse ano, a RTP inaugura o serviço de legendagem para surdos através do teletexto um progresso para a acessibilidade à televisão. Mais tarde, no ano de 2003, os canais de televisão privada (SIC e TVI) começam a usar serviços de legendagem através de teletexto e interpretação gestual.

Ao longo do tempo, devido a sucessivas alterações à Lei da Televisão as questões relativas à acessibilidade tiveram avanços e recuos.

Em 2007, registou um avanço significativo na atenção às questões de acessibilidade para pessoas com necessidades especiais com a nova Lei da Televisão – Lei n.º 27/2007 de 30 de Julho. Esta lei refere que

> A Entidade Reguladora para a Comunicação Social define, ouvidos os operadores de televisão, o conjunto de obrigações que permite o acompanhamento das emissões por pessoas com necessidades especiais, nomeadamente através do recurso à legendagem, à interpretação por meio de língua gestual, à áudio-descrição ou a outras técnicas que se revelem adequadas…". Assim como, é específica quanto à população-alvo e adaptação de conteúdos, em relação aos surdos e pessoas com deficiência auditiva considera: "incapacidade – ouvir fala e sons, dificuldade em ler legendas (casos de surdez pré linguística), adaptação de conteúdos – legendagem e interpretação gestual de programas em língua portuguesa.

A definição das metas para a progressiva evolução da acessibilidade das emissões de televisão são definidas num plano plurianual de obrigações pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social, segundo Deliberação 5/OUT-TV/2009 do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Assim estão definidas pela primeira vez, em Portugal, as metas para a acessibilidade à televisão.

CAPITULO III

3 – Metodologia da investigação

Na proposta de investigação deste estudo "A comunicação na televisão para crianças surdas através da legendagem" pretende-se mostrar a importância da legenda nos desenhos animados como um benefício para o processo educativo e social das crianças surdas.

Os objectivos pretendidos são:

- Investigar a importância do uso da legendagem em desenhos animados, na televisão, para as crianças surdas;
- Perceber a importância da legendagem (através do teletexto), na televisão, para os surdos;
- Valorizar a legendagem, como ferramenta educativa, para o desenvolvimento da competência da leitura e escrita das crianças surdas.
- Contribuir para um maior sucesso escolar, cultural e social, através de uma melhor compreensão da informação televisiva.
- Conhecer e analisar as opiniões dos Pais, do Público e dos Canais de Televisão (RTP, SIC e TVI) sobre a importância da legendagem, nos desenhos animados, para crianças surdas.

Os métodos escolhidos foram a observação directa e o inquérito por questionário.

A consulta de surdez do HEM, tem uma equipa multidisciplinar de acompanhamento e apoio vocacionada para crianças – médica otorrinolaringologista, terapeuta da fala, psicóloga educacional, técnica do serviço social, educadora de educação especial e assistente técnica (eu), que me foi permitindo observar as crianças surdas em várias situações e levantando questões relativas ao desenvolvimento da leitura e escrita destas. Assim que decidi fazer esta investigação, comecei a observar estas crianças com mais atenção e falar mais com elas e mesmo com os pais sobre a questão da leitura e escrita, o porquê de eles apresentarem tanta dificuldade em ler e

escrever palavras simples. Empiricamente estava a aplicar o método de observação directa.

"A necessidade de adoptar um documento que permitisse a sistematização, maior simplicidade de análise, maior rapidez na recolha de dados" (Carmo & Ferreira, 1998:147), levou à aplicação do inquérito por questionário de administração directa, com perguntas de resposta aberta e/ou fechada.

As questões apresentadas nos questionários resultaram de uma reflexão sobre conversas e debates sobre o tema deste estudo com as pessoas (crianças e adultos surdos e ouvintes) que frequentam a consulta do HEM e noutros locais, e ainda ter em conta o pretendido com a informação a recolher.

Os inquéritos para Pais e Público foram entregues, pessoalmente, junto dos utentes da Consulta de Surdez do Hospital de Egas Moniz e na Associação Portuguesa de Surdos.

Para os Canais de Televisão, os inquéritos foram enviados por e-mail, após contacto pessoal, e por solicitação dos mesmos.

Os inquéritos usados apresentam formatos diferentes, um para as pessoas em geral – público; um para os pais – pais surdos e ouvintes e um para empresas – televisão.

No inquérito aos Pais apresentam-se questões referentes ao educando, aos programas de desenhos animados com ou sem legendagem e o benefício desta na melhoria da leitura e escrita nas crianças surdas.

No inquérito ao Público as questões apresentadas dão enfoque à importância que as pessoas (ouvintes ou surdas) atribuem ao uso da legendagem ou não.

No inquérito aos canais de televisão, RTP, SIC e TVI aborda-se a questão da utilidade da legendagem através do teletexto.

Para recolher essa informação por parte dos pais e público foram usados os documentos metodológicos adequados às necessidades do estudo, optou-se como já referido, pela execução e aplicação de um inquérito por questionário que permitisse o

levantamento, a observação e a análise da problemática "a importância do uso da legendagem em televisão na aprendizagem da leitura e escrita das crianças surdas".

Segundo Stumpf (2002:62)

> a criança ouvinte, quando vai para a escola, já conhece o significado das palavras, quando ela aprende a ler, sabe o que as palavras significam, pois o português escrito apresenta características da fala, assim como se fosse um retrato, a criança ouvinte vê esse retrato e reconhece-o. Por outro lado, a criança surda não ouve a fala da família. Então, ela vai para a escola, aprende a ler, mas não consegue entender o que as palavras representam, ela não consegue reconhecer o retrato porque antes não ouviu a palavra associada à acção ou ao objecto. Por isso, as pessoas com surdez parecem que sabem ler mas não entendem o significado.

A forma das crianças surdas conseguirem aproximar-se na leitura e escrita das crianças ouvintes, passa pelo uso de estratégias de aprendizagem o mais visual possível, visualizando o maior número de palavras sempre que possível associadas ao real (concreto), aumentando a sua área vocabular. Abrindo aqui um parêntesis, lembro-me que quando era pequena, na escola usávamos a escrita logo de início, todas as imagens eram legendadas. A escrita aparecia sempre associada e a leitura era treinada a partir daí até ao desenvolvimento mais tarde em textos, documentos, livros, etc.

A nível afectivo e social, algumas crianças surdas têm famílias com surdez logo a comunicação é facilitada mas, têm algumas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. As crianças surdas com famílias ouvintes não entendem a comunicação à sua volta também, têm algumas dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.

Uma vez que as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita aparecem nos dois níveis familiares leva-nos a realçar o problema auditivo (surdez) como a principal causa dessas dificuldades, e eleger o visual (gesto, escrita, desenho, imagens, fotos, etc.) como a meio facilitador para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças surdas.

Geralmente, qualquer criança gosta de ver desenhos animados, as crianças surdas não são excepção pelo que é de todo importante a legendagem em televisão para estas beneficiarem de mais informação. Todos os contributos para melhorar as suas competências de leitura e escrita, serão importantes para a sua educação.

CAPITULO IV

4. – Caracterização da amostra

O perfil dos Pais e Público quanto à idade apresenta uma percentagem significativa da idade entre os 30 e 35 anos e, quanto ao sexo, notoriamente, uma maioria feminina, reflectindo que a mãe é quem mais acompanha os filhos (as) à consulta de surdez do HEM.

O educando (as crianças) quanto à idade constata-se que estão entre os 6 anos e 14 anos, estando equilibradas quanto ao sexo. De acordo, com a idade referida, os anos de escolaridade em que estão inseridos vão do 1º ciclo ao 3º ciclo do ensino básico. Em relação à surdez apresentam surdez moderada (69%) e uso de próteses (54%). Hoje, a criança com surdez profunda devido à utilização do implante coclear vai menos à consulta porque é mais acompanhada na escola pelos técnicos especializados, daí que os casos de maior frequência na ida à consulta são as crianças com atrasos de linguagem, perdas ligeiras de audição e falta de concentração, apresentando surdez moderada a severa.

É de notar que quanto à surdez apresentada pelo Público é 57% de surdez profunda (idade de 30-35 anos), a reabilitação deste em criança era diferente de hoje, tal como, em adulto, o uso da prótese auditiva é mais reduzida, muitas vezes por questões financeiras ou outros motivos (beleza).

O Público apresenta habilitações académicas ao nível do 12º ano, Ensino Secundário.

4.1 – Recolha e tratamento de dados

No total foram recepcionados treze inquéritos dos Pais e catorze do Publico, apesar da tentativa de conseguir um maior número de inquéritos, não foi possível pois as pessoas surdas não têm grande prática no preenchimento de inquéritos. Como apresentam alguma limitação ao nível da interpretação e da expressão escrita, acabam por não responder.

Os inquéritos dos canais de televisão não foram recebidos pelo que não temos resultados a ter em conta. Foi difícil o contacto com estas empresas que se mostram insensíveis a esta problemática e indisponíveis para participar, apesar de todos os esforços para o conseguir.

Após a validação quantitativa das respostas aos inquéritos, passámos à análise quantitativa dos resultados pela ordem das perguntas realizadas, apresentados em gráficos programados em Excel (Miscrosoft Office).

Volto a referir que o inquérito dos Pais recolhe a informação sobre os educandos, se assistem à televisão com ou sem legendagem e o do Público, se as pessoas com ou sem surdez que assistiram à televisão na infância e, actualmente, qual a importância da legendagem. Para se tentar entender “a importância da legendagem no desenvolvimento das crianças surdas”.

4.2 – Respostas dos Pais

4.2.1 – Pais – Idade e Sexo

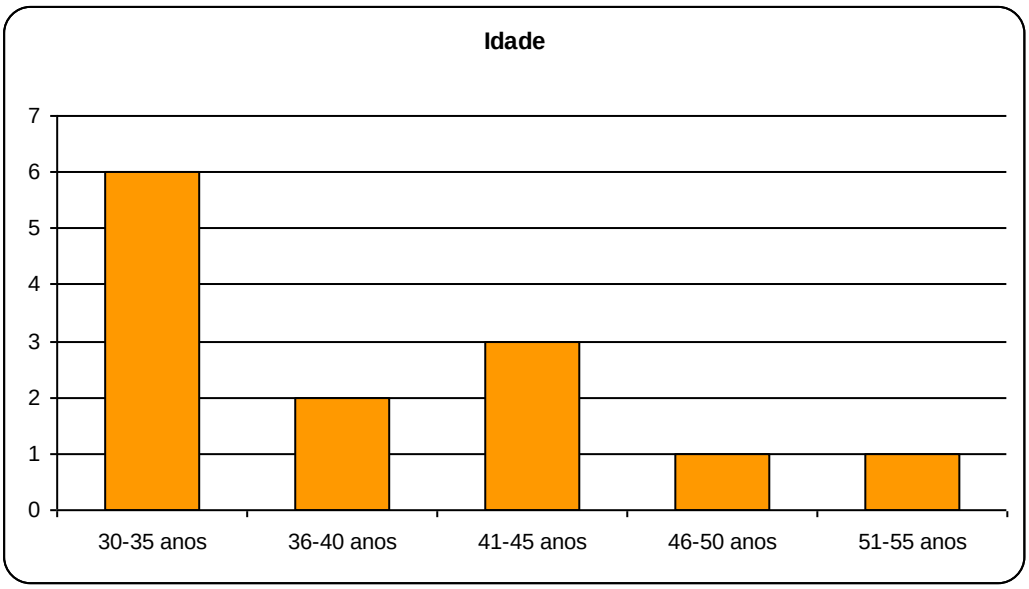


Gráfico 1 – Idade dos Pais

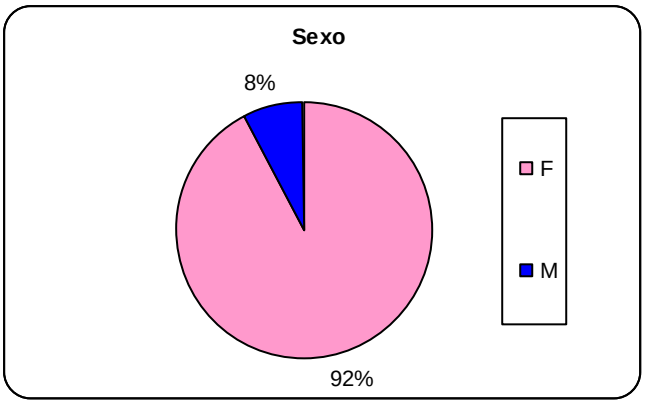


Gráfico 2 – Sexo dos Pais

Verifica-se que a maioria das pessoas está entre os 30 a 35 anos e são do sexo feminino – 92%. Mostra-nos que as crianças (educandos) são acompanhadas à consulta de surdez pelas mães.

4.2.2 – Educando – Idade e Sexo

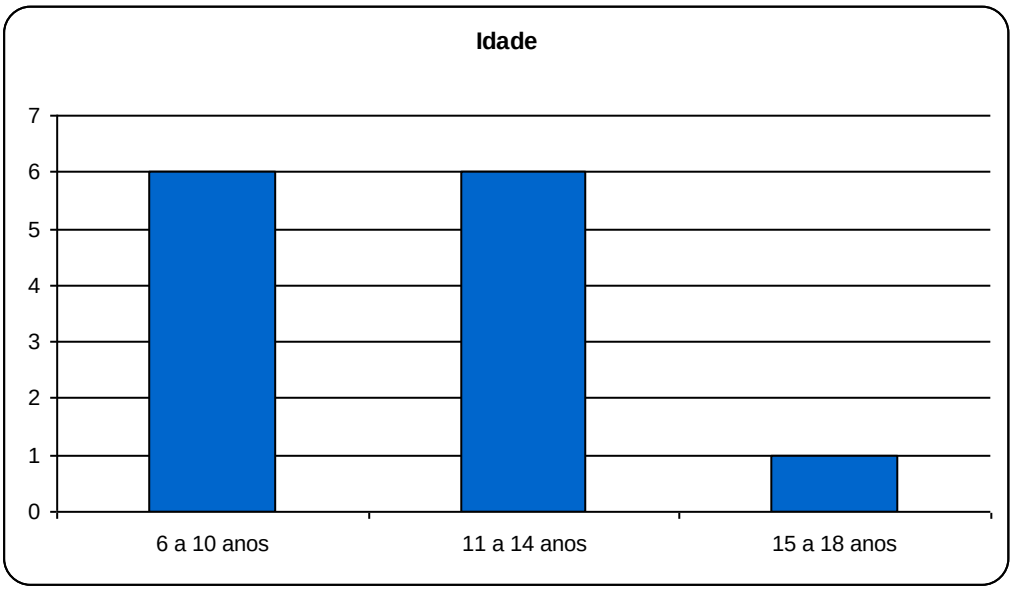


Gráfico 3 – Idade do educando

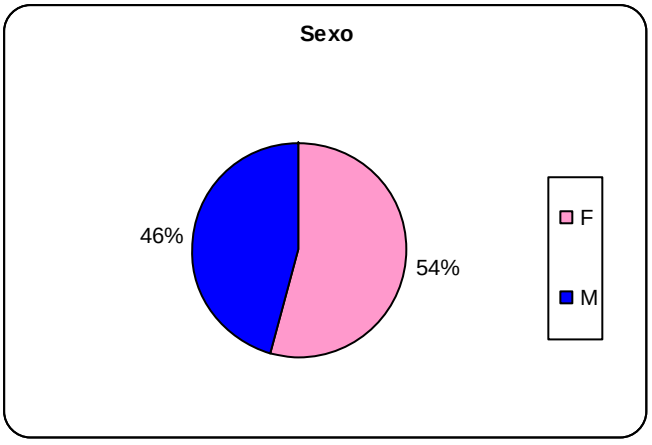


Gráfico 4 – Sexo do educando

O gráfico mostra que idade do educando vai entre os 6 anos e 14 anos, crianças que frequentam a escola e podem assistir à televisão com ou sem legendagem nos desenhos animados.

A nível de sexo é equilibrado de sexo feminino 54% e masculino 46%.

4.2.3 – Educando – Escolaridade

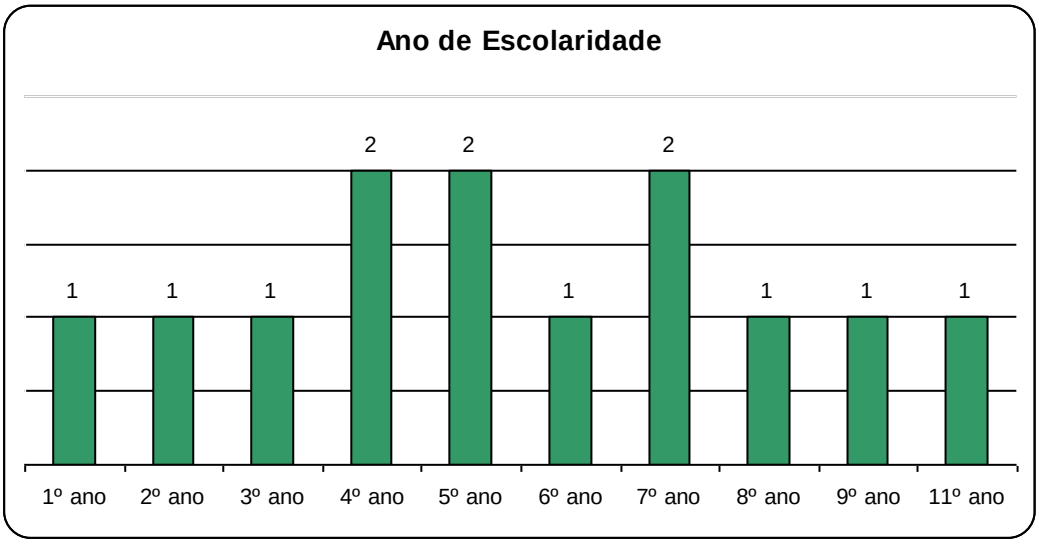


Gráfico 5 – Ano de Escolaridade do Educando

O ano da Escolaridade com maior representação é ao nível do 4º, 5 e 7º ano.

4.2.4 – Educando – Surdez

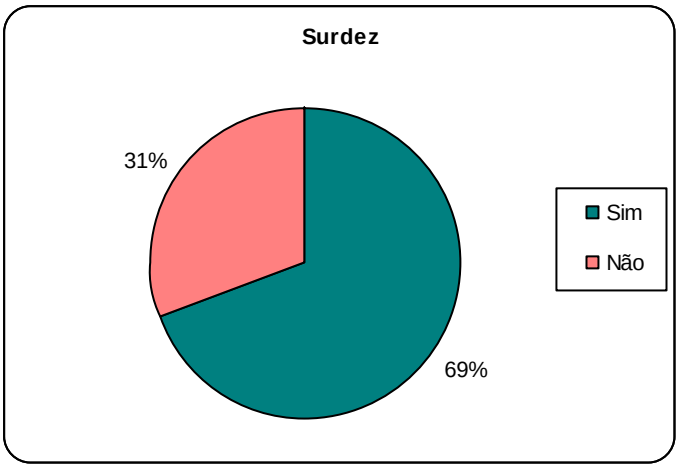


Gráfico 6 – Educando com ou sem surdez

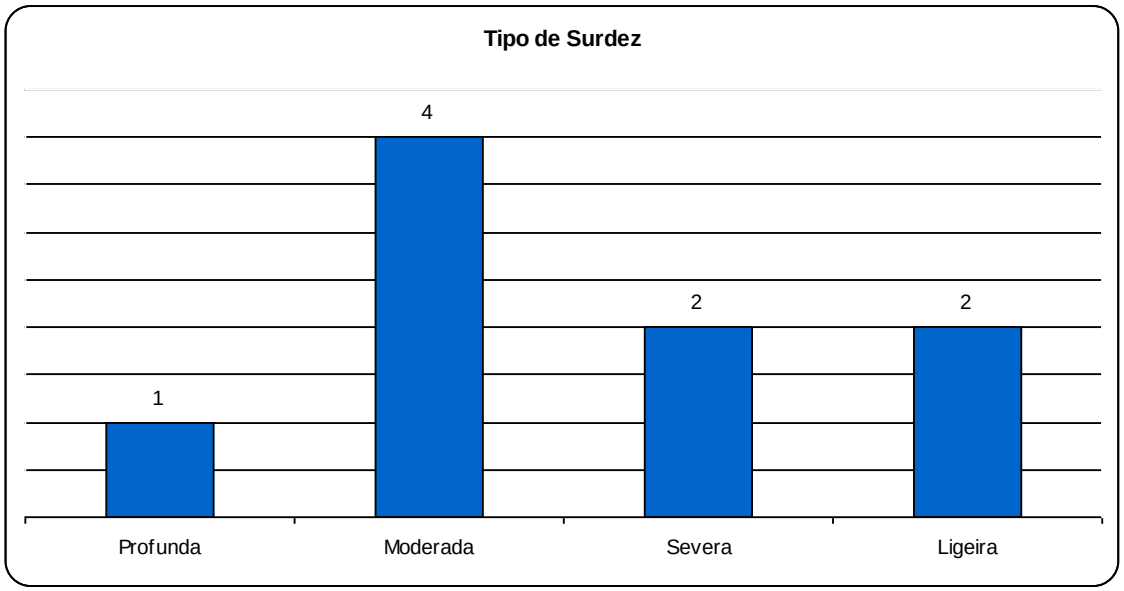


Gráfico 7 – Tipo de surdez do educando

A maioria tem surdez 69%, é fundamental para este estudo que tem como objectivo o uso de legendagem na televisão para surdos. Tal como demonstra o gráfico a maioria apresenta surdez moderada.

4.2.5 – Educando – Próteses auditivas

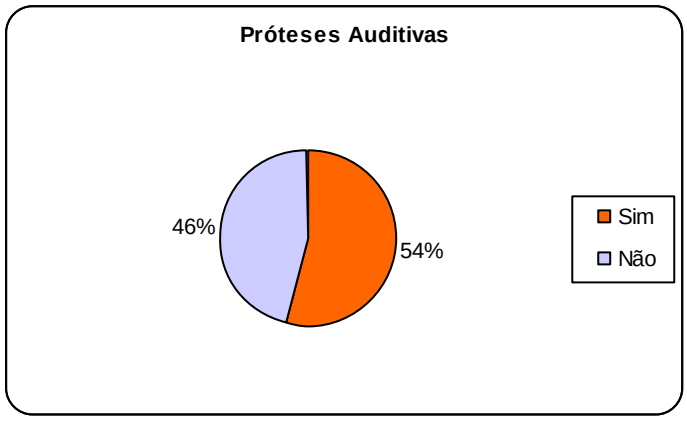


Gráfico 8 – O educando utiliza próteses auditivas

Verifica-se que 54% dos educandos usam próteses auditivas.

4.2.6 – Educando – Início da leitura e escrita - Idade

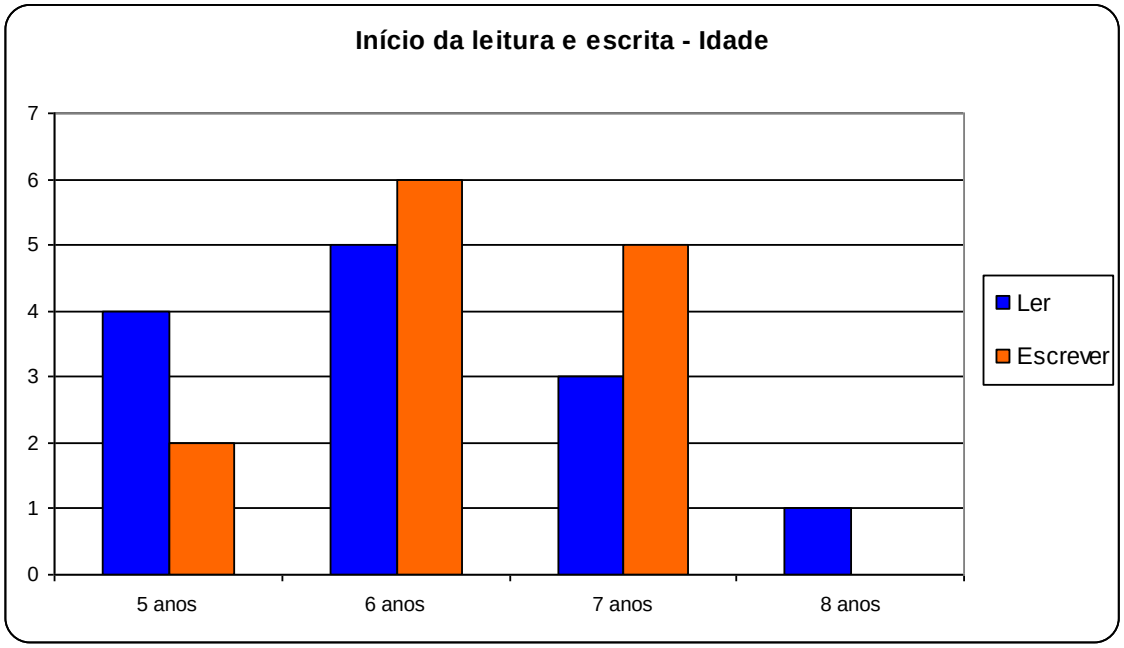


Gráfico 9 – Início da leitura e escrita – idade do educando

A iniciação da leitura e escrita tem maior incidência nos educandos com idade de 6 anos. No entanto, verifica-se que antes (aos 5 anos) a relevância é dada à leitura, posteriormente, a escrita supera-a (6 anos, 7 anos).

4.2.7 – Educando – Desenhos animados

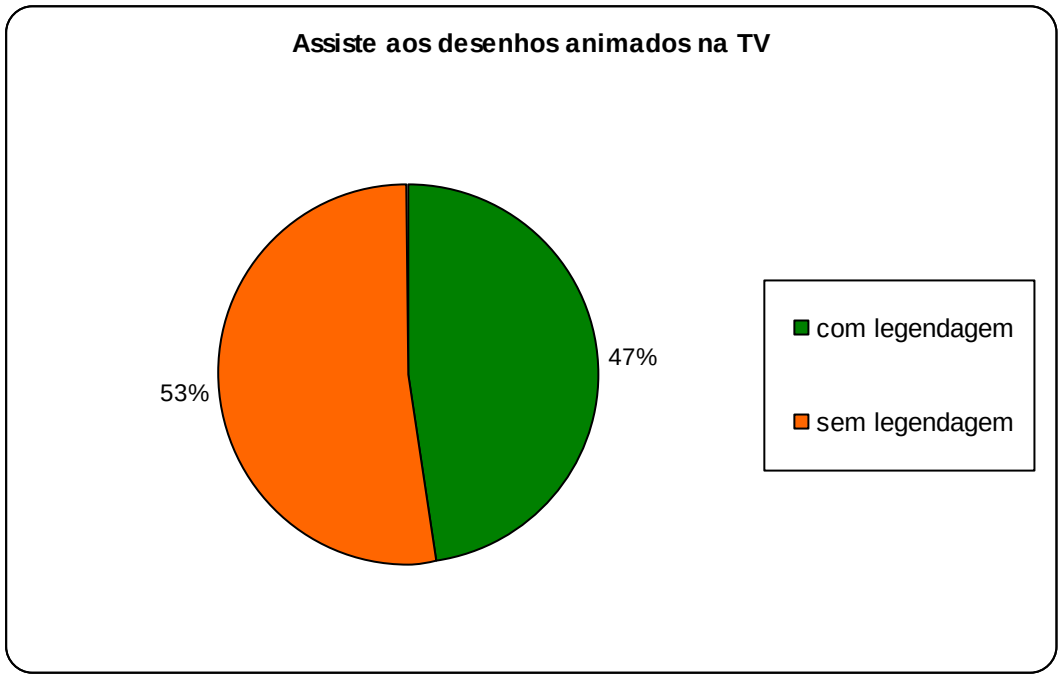


Gráfico 10 – O educando assiste aos desenhos animados na TV com e/ou sem legendagem.

A diferença entre com ou sem legendagem é mínima, mas 53% vê sem legendagem.

4.2.8 – Educando – Desliga a TV

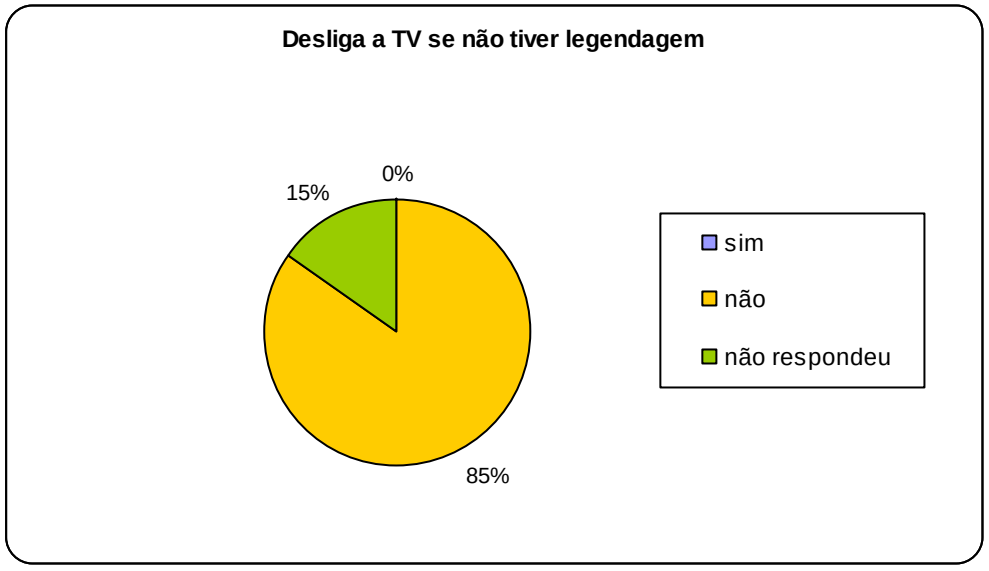


Gráfico 11 – O educando desliga a TV se não tiver legendagem nos desenhos animados

As crianças não desligaram a TV (85%).

4.2.9 – Pais – Importância da legendagem



Gráfico 12 – Opinião dos Pais se acha que a legendagem é importante para o desenvolvimento da criança.

Todos os Pais (100%) acham positivo o uso de legendagem na televisão.

4.3 – Respostas do Público

4.3.1 – Público – Idade e Sexo

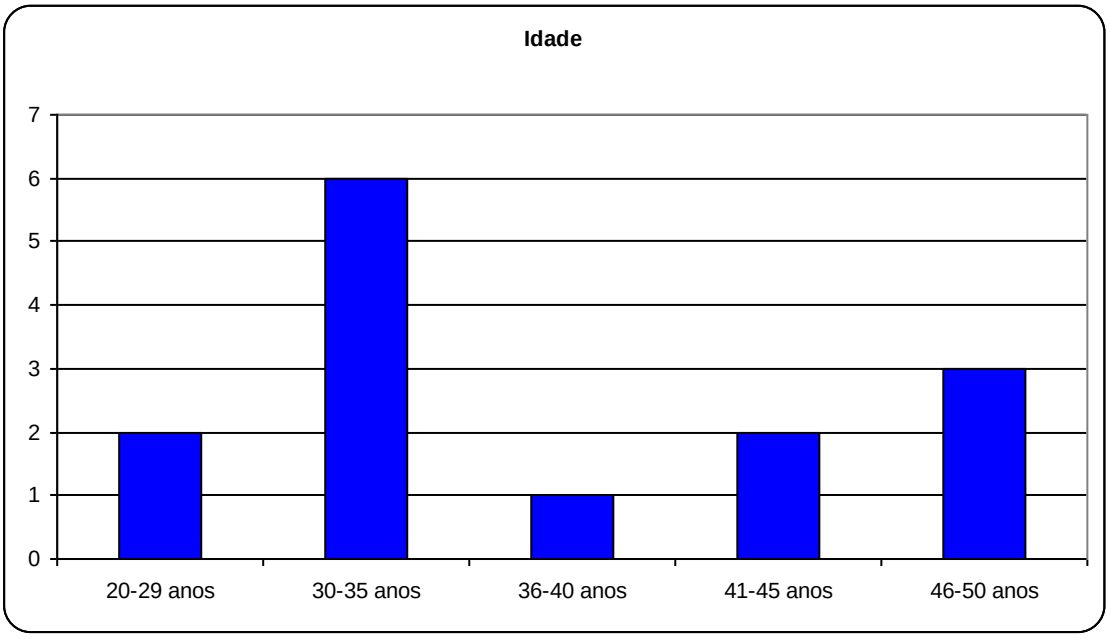


Gráfico 13 – Idade do Público

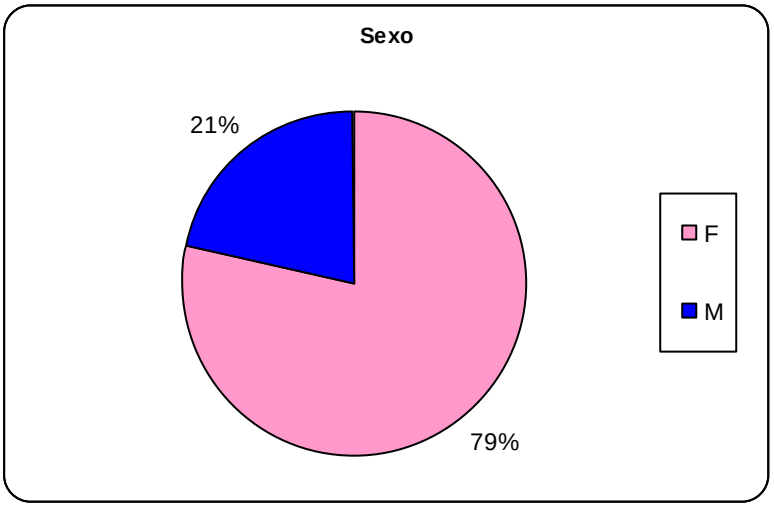


Gráfico 14 – Sexo do Público

A maioria da idade do Público está entre os 30 – 35 anos e verifica-se que 79% do Público é feminino (mãe).

4.3.2 – Público – Habilitação Académica

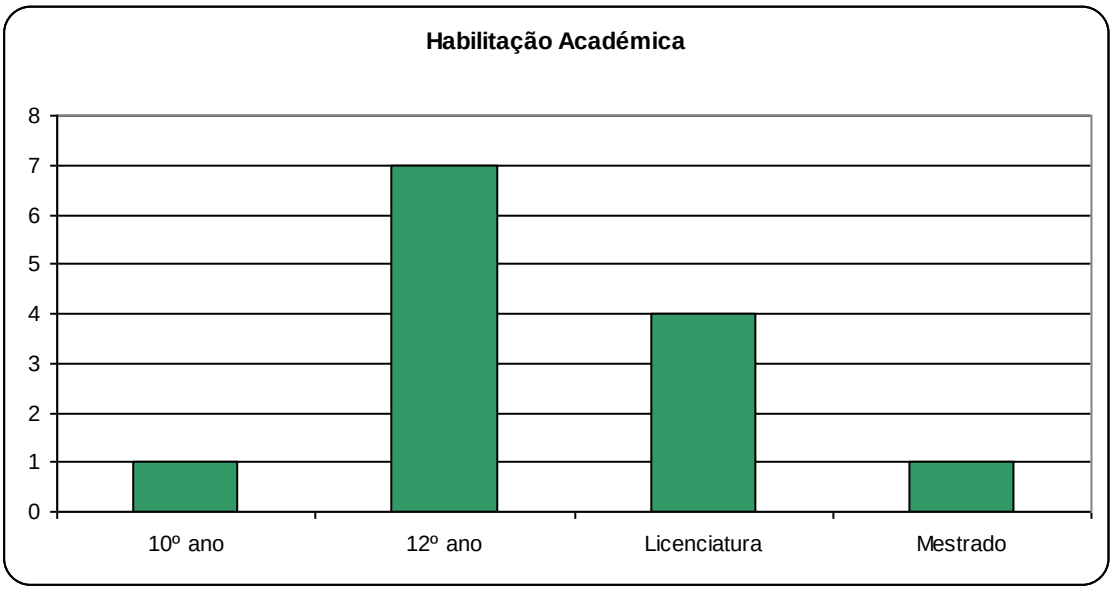


Gráfico 15 – Habilitação Académica do Público

O gráfico mostra que o Público se situa ao nível do 12º ano – Ensino Secundário.

4.3.3 – Público – Surdez

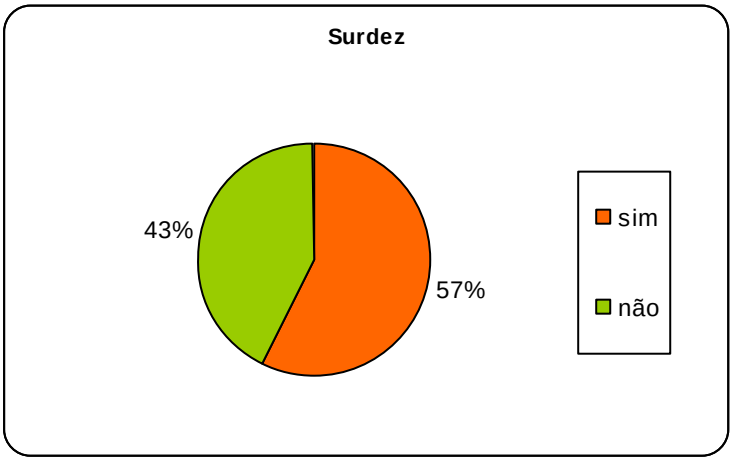


Gráfico 16 – Surdez do Público

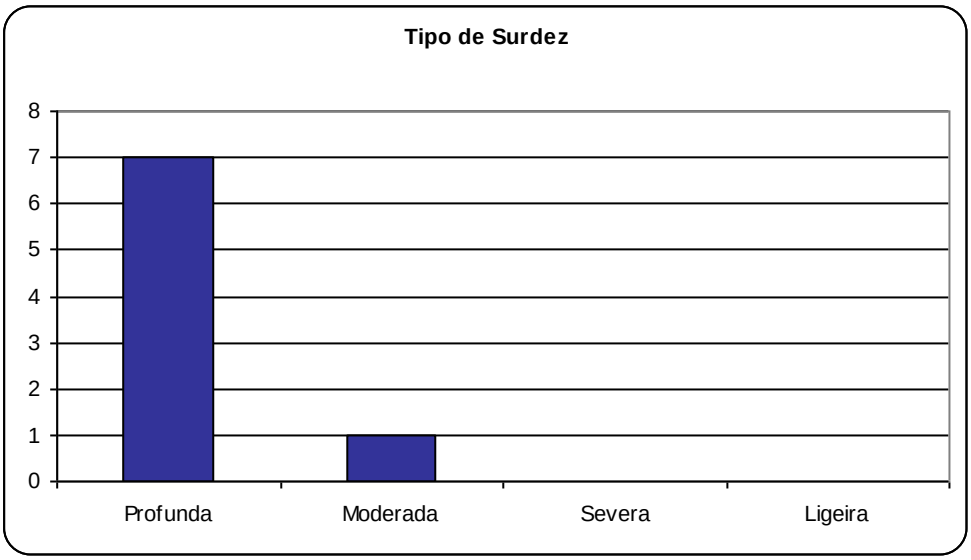


Gráfico 17 – Tipo de Surdez

Tal como demonstram os resultados a maioria tem surdez (57%) de tipo profunda.

4.3.4 – Público – Próteses Auditivas

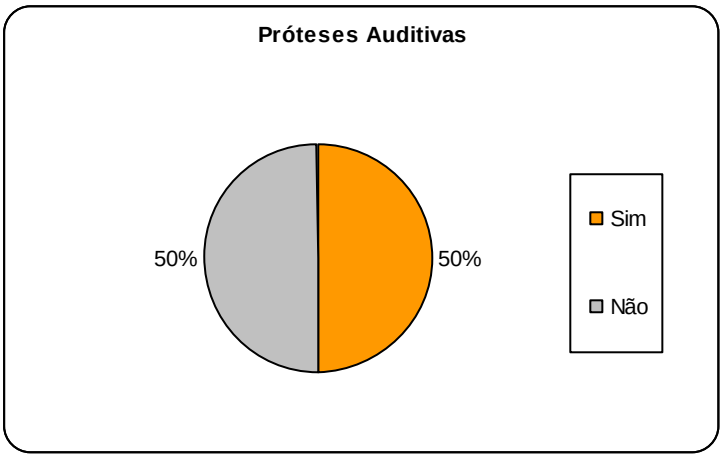


Gráfico 18 – O Público usa próteses auditivas

O gráfico mostra que metade do Público 50% usa próteses auditivas.

4.3.5 – Público – Início da leitura e escrita

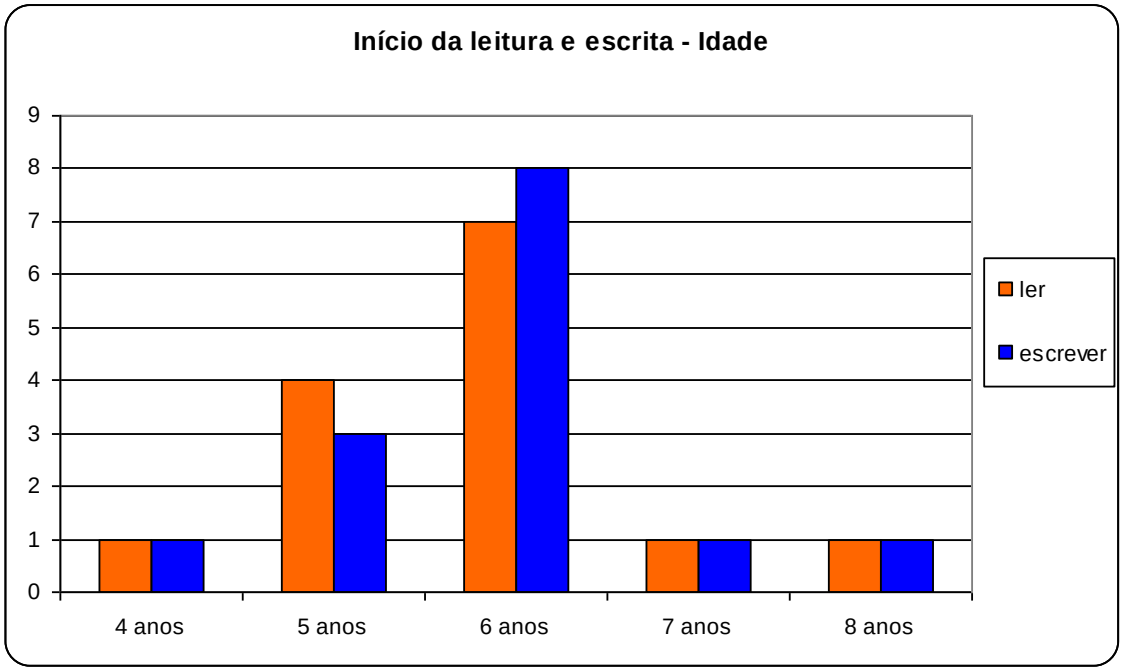


Gráfico 19 – Início da leitura e escrita – Idade do Público

A idade mais significativa apresentada no gráfico é de 6 anos, com um aumento nesta idade da escrita em relação à leitura.

4.3.6 – Público – Desenhos animados

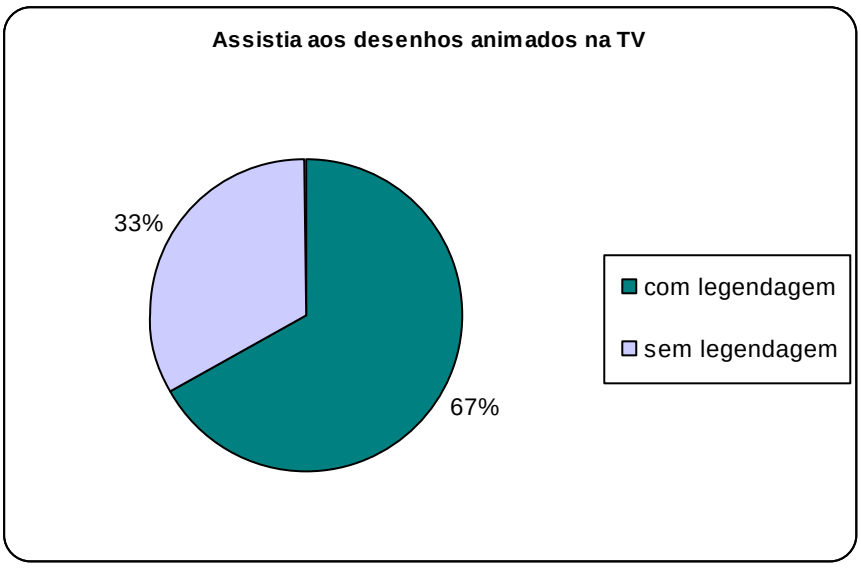


Gráfico 20 – O publico assiste desenhos animados na TV com e/ou sem legendagem

67% do Público preferia legendagem nos desenhos animados, na infância.

4.3.7 – Público – Programas de TV com legendagem

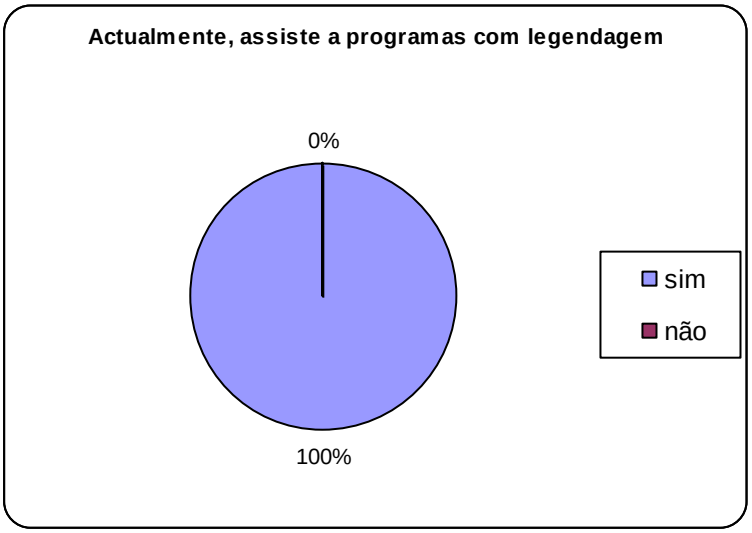


Gráfico 21 – Actualmente o público assiste a programas com legendagem

O Público (100%) só assiste a programas de televisão com legendagem.

4.3.8 – Público – Importância da legendagem

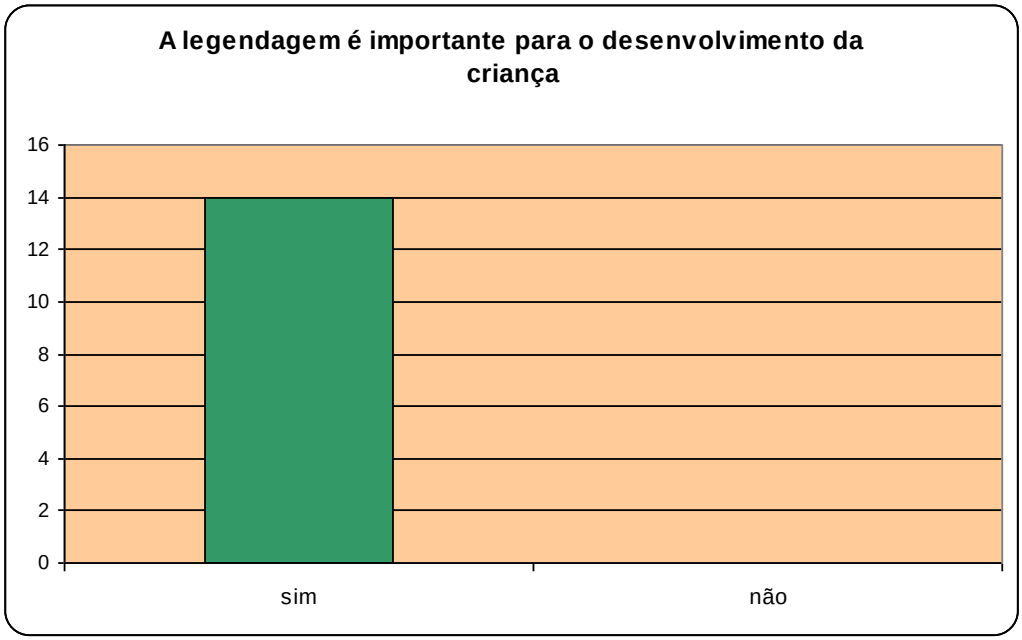


Gráfico 22 – Opinião do Público se acha que a legendagem é importante para o desenvolvimento da criança.

Verifica-se que 100% do Público concorda com o uso de legendagem em programas de televisão para o desenvolvimento da criança.

4.4 – Respostas da televisão

Em virtude de não ter recebido os inquéritos respondidos, não é possível apresentar estes resultados.

Foram feitas todas as diligências para obter as respostas aos inquéritos mas foram sendo adiadas por motivos desconhecidos.

4.5 – Análise dos resultados

Ao olhar para os gráficos do educando e do público na questão "início da leitura e escrita – idade" existe um ponto comum entre ambos a idade – 5 anos para a leitura e 6 anos para a escrita, tendo como idade para o "início da leitura e escrita" com incidência em conjunto, os 6 anos, que coincide com o início da entrada na escola. De notar que tanto educando como público apresenta um resultado significativo quanto à importância dada à escrita.

Ao assistir aos desenhos animados 53% dos educandos não recorre à legendagem, e 47% usa a legendagem a diferença entre o com e sem legendagem é pequena.

Os desenhos animados ao serem, hoje, dobrados em língua portuguesa levam à diminuição da legenda e, só, às vezes há legendagem por teletexto.

Em oposto, temos o Público, surdos profundos que na infância preferia os desenhos animados com legendagem, porque naquela altura havia legendas e não dobragens.

Quanto à importância da legendagem para o desenvolvimento da leitura e escrita, tanto os Pais (100%) como o Público (100%) afirmam que sim, reforçam a importância da mesma para o desenvolvimento da criança. Até porque o Público ao assistir à televisão, hoje, usa a legendagem através do teletexto (100%), em programas de televisão, como exemplo, telejornais, telenovelas e outros.

CONCLUSÃO

A investigação não se sustenta, exclusivamente, nos inquéritos, por questionário, é inevitável a minha experiência pessoal, a pesquisa teórica e a recolha de opiniões prestadas por outras pessoas surdas e ouvintes quer no local de trabalho, quer em debates na APS e até em convívios sociais.

Assim, perante todos os factos considero que a proposta inicial deste estudo, "A comunicação na televisão para crianças surdas através da legendagem" obtém um favorável consenso entre a população surda como uma mais valia para as crianças, principalmente, na idade da aprendizagem da leitura e escrita e para os adultos é o meio utilizado (legendagem através do teletexto) quando acedem à televisão.

Uma vez que é consenso o uso de legendas em desenhos animados e legendagem através de teletexto para a população surda será importante pensar como fazer chegar aos *medi*a, que tratam das questões linguísticas dos conceitos e da comunicação, o que devem observar antes de as elaborar para darem um contributo pedagógico de acordo com a especificidade dos destinatários. Sabendo que o mais referenciado é a motivação para a aprendizagem da leitura e escrita como caminho para desenvolvimento educativo e social.

No entanto, temos como experiência negativa, a resposta das televisões aos inquéritos, quanto foi difícil o acesso às pessoas ligadas a este tipo de trabalho. Depois de aceitarem colaborar no preenchimento dos questionários, tornaram-se incontactáveis.

Como tudo na vida dos surdos é uma luta constante também esta um dia poderá ter eco nos *media*.

Na generalidade, existe um conceito aceite de que as pessoas com surdez têm problemas de comunicação por dificuldades de aprendizagem a nível da leitura e escrita. No entanto, ao longo da sua educação é dado enfoque à língua portuguesa escrita, como meio precoce de aprendizagem, ganhando maior capacidade para conhecer a estrutura da língua e consequente compreensão da leitura. A comunicação utilizada entre surdos, o mais visual possível, é a LGP. Dá-se prioridade a uma educação em ambiente bilingue, de forma a superar a perda auditiva, com o domínio da LGP e o domínio do português escrito para a inclusão escolar e social. A partir dos anos 90 a educação

bilingue começa a ser referida, Niza em 1991 na altura da elaboração do primeiro gestuário, refere que "se queremos que as crianças surdas realizem uma escolaridade com sucesso é preciso proporcionar-lhes, precocemente, o domínio da Língua Portuguesa escrita como segunda língua, tornando os surdos bilingues." Por conseguinte, os problemas de comunicação influenciam as dificuldades da leitura e escrita e vice-versa, esta problemática está relacionada com o grau da perda auditiva e as consequências daí derivadas.

Logo, quanto mais cedo foram usados os meios alternativos de comunicação e tecnologias de apoio (computadores, televisão, telemóvel) para superar a problemática da perda auditiva – surdez, melhor será a sua reabilitação e maior o seu sucesso.

A linguagem escrita para as pessoas surdas é um meio importante para eliminar barreiras de comunicação nos contextos públicos (televisão, cinema, conferências, simbologia) e fundamental para que todas as pessoas surdas alcancem uma boa competência no domínio do português escrito para terem inteligibilidade das situações. De acordo com as consultas teóricas realizadas, realço a importância, mais uma vez, citando Abrantes (2010) "as legendas podem ser óptima ferramenta educativa para as crianças surdas ajudando na competência da escrita e consequente desenvolvimento da leitura, bem como, uma forma de enriquecimento vocabular (activo e passivo)" contributo para o desenvolvimento linguístico.

Desde o protocolo feito entre RTP / SIC / TVI, com base na Lei da Televisão, tem-se verificado alguma evolução em termos de programas com legendagem através do teletexto. Tal como, se faz com a legendagem através do teletexto para diferentes programas de televisão, por exemplo, noticiário, novela portuguesa e brasileira, por que deixar de investir nas legendas em desenhos animados para as crianças surdas, que não beneficiam em nada com as dobragens. É importante começarem, tal como, na escola o contacto com a escrita, o mais cedo possível, através da legendagem nos desenhos animados.

O investimento em legendagem nos desenhos animados pode ser uma aposta positiva, em temos de futuro, ao contribuir para melhorar a aquisição de um maior número de conceitos pelas crianças surdas, podendo ainda aumentar a sua apetência pela leitura e escrita. Ainda, pode ajudar crianças ouvintes com algumas dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita e, assim como, com dislexia. É importante continuar a

aumentar a quantidade e a qualidade das condições de acessibilidade da população às emissões televisivas.

Seria de elevada importância que este estudo pudesse ser implementado, de modo a contribuir para a criação de estratégias para melhorar e ajudar a ultrapassar a barreira da comunicação da população surda.

A finalizar gostaria de dizer que foi gratificante realizar esta tese cujo tema me diz muito, como pessoa surda que sou.

Em primeiro lugar voltei à minha infância e com a recordação dos factos vividos nessa época tornou mais fácil a minha determinação de cumprir este desafio.

Em segundo lugar à medida que o tempo ia passando e os obstáculos surgiam, lá vinha o medo de não conseguir, as barreiras (preconceitos) contra os surdos afinal ainda são maiores do que eu queria que fossem.

Em terceiro lugar tinha, felizmente, a família, os amigos, a religião que me levantava o ânimo continuando a pesquisa e o estudo.

Assim, foi passando o tempo e chegou ao fim este trabalho de tese, é o finalizar de mais uma etapa positiva na vida de uma pessoa surda que como tantas outras anseia por uma maior igualdade de oportunidades e uma melhor inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, D. (2010). *A Tradução Audiovisual como Ferramenta de Apoio à Aprendizagem das Línguas.* Dissertação de Mestrado, ISCAP.

- Amaral, M. A. (1993). *Reflectindo sobre a Reabilita Reabilitação. Integrar, n.º 2*. Lisboa, IEFP/SNR.

- Berlo, D. K. (1999). *O processo da comunicação: Introdução à teórica e à prática.* São Paulo, Martins Fontes.

- Ferioli G, Bove MP. (1997). *Perreault S. Formación en América Latina: Puente al milénio.* In: IV Conferencia Europea DbI ed. ONCE 1997; Madrid. Actas.

- Carmo, H & Ferreira, M.M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem.* Lisboa, Universidade Aberta.

- Carvalho, P. V. (2007). *História dos Surdos no Mundo e em Portugal*. Lisboa, Surd'Universo Livraria Especializada.

- Correia, L. M. (2008). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um guia para Educadores e Professores.* (2ª ed.). Porto, Porto Editora.

- Delgado-Martins, M. R. (1997). *Como aprendem as crianças a ler e a escrever?* NOESIS, nº 44, Outubro / Dezembro.

- Laborit, E. (2000) *O Grito da Gaivota.* Lisboa, Editorial Caminho.

- Marnique, M., Huarte, A. (2001). *Implantes Cocleares.* Espanha, Editoral Masson.

- Monreal, D., Santos, J., Hernández, R & Cuenca, A. (1995). *Deficiência Auditiva: Aspectos Psicoevolutivos y Educativos.* Granda, Educiones Aljibe.

- Neves, Josélia. (2007). *Vozes que se Vêem – Guia de Legendagem para Surdos*. Leiria, Instituto Politécnico de Leiria & Universidade de Aveiro.

- Niza, Sérgio (1991), *A Língua Gestual na Educação dos Surdos*. In: Gestuário – Língua Gestual Portuguesa. Lisboa, Ed. Secretariado Nacional de Reabilitação.

- Paço, J., Branco, C., Moreira, I., Caroça C. e Henriques M.M., (2010). *Introdução à Surdez*. Lisboa, UCP Editora.

- Prata, M. I. (1980). *Mãos que Falam.* Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Divisão do Ensino Especial da Direcção-Geral do Ensino Básico.

- Sim-Sim, I. (2005). *A criança surda – contributos para a sua educação*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Stumpf, M. R. (2002). *Transcrições de Língua de Sinais Brasileira em signwritting.* In: Letramento e minorias / Organizações: Lodi, Ana Cláudia B. Harrison, Kathryn M. P.; Campos, Sandra R. L., de; Teske, Ottmar. Porto Alegre, Medicação.

Legislação:

- Decreto-Lei n.º 3/2008, Diário da República de 7 de Janeiro.
- Lei Constitucional n.º 1/97, Diário da República, Constituição da República Portuguesa, de 20 de Setembro.
- Lei da Televisão: Decreto-Lei n.º 8/2002, Diário da República de 11 de Fevereiro.
- Lei da Televisão – Lei n.º 27/2007, Diário da República de 30 de Julho
- Resolução de Conselhos de Ministros n.º 97/99, Diário da República de 26 de Agosto de 1999.

ANEXO

Anexo 1

Inquéritos aos Pais

1. Idade: _____

2. Sexo: Feminino: _____ Masculino: _____

3. Idade do seu educando: _____

4. Sexo do seu educando: Feminino: _____ Masculino: _____

5. Ano de escolaridade do seu educando: _____

6. O seu educando tem surdez? Sim____ Não____ (Se não, passa para 9.)

7. Tipo de surdez do seu educando:
Profunda: _____ Severa: ____ Moderada: ____ Ligeira: ____

8. O seu educando utiliza aparelho? Sim____ Não____

9. Com que idade é que o seu educando começou a ler? ____ E a escrever? ____

10. O seu educando vê televisão?
Sim: ____ Não: ____ (Se não, passa para 13.)

11. O seu educando vê os desenhos animados na TV?
Com legendagem: _____ Sem legendagem: _____ (passa para 13.)

12. Se os desenhos animados não tiverem legendagem, o seu educando desliga a TV?
Sim: ____ Não: ____

13. Acha que a legendagem é importante para o desenvolvimento da criança?
Sim: ____ Não: ____
E porquê?
_____

Anexo 2

Inquéritos ao Público

1. Idade: _____

2. Sexo: Feminino: _____ Masculino: _____

3. Habilitação Académica: _____

4. Tem surdez? Sim _____ Não____ (Se não, passa para 7.)

5. Que tipo de surdez tem?
Profunda: _____ Severa: ____ Moderada: ____ Ligeira: ____

6. Utiliza aparelho? Sim____ Não____

7. Com que idade é que começou a ler? ____ E a escrever? ____

8. Sentias algumas dificuldades? Sim____ Não____

9. Na sua infância já via televisão? Sim: ____ Não: ____ (Se não, passa para 13.)

10. Gostava de ver desenhos animados na TV?
Com legendagem: _____ Sem legendagem: _____

11. Actualmente assiste/vê programas com legendagem?
Sim: ____ (Se sim, passa para 13.) Não: ____

12. Não, porquê?
Dificuldade de ler? ____ Prefere ouvir? ____ Não gosta? ____ Outro? _____

13. Acha que a legendagem é importante para o desenvolvimento da criança?
Sim: ____ Não: ____
E porquê?

_____

Anexo 3

Inquéritos ao Canal da Televisão

1. Achas importante a legenda em programas infantis?

Sim____ Não____

2. O uso da legenda é importante para o desenvolvimento da criança?

Sim____ Não____

Porquê?

_____

3. Pode contribuir para a aprendizagem da leitura e escrita da criança?

Sim____ Não____

4. A legendagem, através do teletexto em desenhos animados têm vindo a diminuiu?

Sim____ Não____

Porquê?

_____

5. A legendagem tem custos?

Sim____ Não____

6. Acha que o uso da legenda pode beneficiar as crianças surdas?

Sim____ Não____